

## **“BEHOLD ME IMMORTAL!” DIVERSAS JANES AUSTENS: DO SÉCULO XIX À NOVA NOTA DE DEZ LIBRAS**

### **“BEHOLD ME IMMORTAL!” MULTIPLE JANE AUSTENS: FROM THE 19<sup>TH</sup> CENTURY TO THE NEW TEN POUNDS BILL**

Maria Clara Pivato Biajoli<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, Brasil

*Resumo:* O presente artigo faz um mapeamento das diferentes imagens produzidas sobre a escritora inglesa Jane Austen (1775-1817) após sua morte, desde as biografias publicadas por sua família até análises de críticos literários e fãs do século XIX e atuais. Essas imagens são importantes porque impactam a forma como a obra de Austen é interpretada, divulgada e comercializada através, por exemplo, de adaptações cinematográficas e para a televisão. O artigo conclui com uma análise da nova nota de dez libras lançada pelo governo da Inglaterra em homenagem aos duzentos anos da morte da autora.

*Palavras-chave:* Jane Austen; Biografia; Janeites; Austenmania; Crítica literária.

*Abstract:* This essay presents a mapping of different images fabricated about the English author Jane Austen (1775-1817) after her death, from biographies published by her family to literary critics and fans from the 19<sup>th</sup> century and from the present day. These images are important because they affect the way Austen's work is interpreted, circulated and commercialized through, for example, film and TV adaptations. The essay concludes with an analysis of the new ten pounds bill launched by England to commemorate the two-hundred years anniversary of the author's death.

*Keywords:* Jane Austen; Biography; Janeites; Austenmania; Literary Criticism.

No ano de 2017, foram celebrados os duzentos anos da morte da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), uma data comemorada com a realização de diversos eventos acadêmicos sobre sua obra, exposições especiais no Jane Austen House Museum e o lançamento, na Inglaterra, da nova nota de dez libras em homenagem à autora. Em diversos meios de comunicação, reportagens tentavam responder à pergunta: quem foi Jane

---

<sup>1</sup> Bolsista Processo nº2017/24577-6 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Austen? Na tentativa de delinear uma definição, poucos perceberam que Jane Austen foi várias dependendo do momento histórico que se leva em consideração.

Hoje, por exemplo, nós temos pelo menos duas Austens: de um lado, uma autora incontestável na história da literatura inglesa e na história da formação do romance moderno, uma posição, aliás, que não é recente: em 1913 Virginia Woolf já comentava que não havia mais necessidade alguma de se provar a fama de Austen, afirmando que a lista dos melhores escritores de romances pode ser arranjada de qualquer maneira e seu nome ainda vai aparecer em primeiro, segundo ou terceiro lugar, independentemente de quais sejam os outros autores<sup>2</sup>. Do outro lado, nós temos também um cenário bem diferente do cânone acadêmico tradicional: adaptações para cinema e TV, *fan fiction*, turismo literário, produtos dos mais variados tipos (canecas, sacolas, almofadas, vestidos, chapéus, etc.) referentes ao seu período histórico ou declarando o amor pelas suas personagens. Austen também é, portanto, a temida “cultura de massa”. Existe uma forte possibilidade, portanto, de que ela seja um fenômeno único na literatura já que tem ao mesmo tempo um lugar de altíssimo respeito na academia e de extrema popularidade fora dela. Críticos já notaram que seus romances são considerados ao mesmo tempo “clássico e romântico, sério e bobo, da alta cultura e da cultura popular” (BROWNSTEIN, 2011, p. 60), adaptados para televisão, Hollywood e Bollywood e, ainda assim, muito admirados pelos críticos literários das correntes mais tradicionais aos estudos feministas (HALSEY, 2013, p. 6).

Austen atingiu esse pedestal duplo através de um longo processo histórico, o qual parece ter envolvido a autora em uma aura, uma lenda, da qual é impossível destacá-la. Talvez seja por isso que Lionel Trilling afirmou em 1957 que “é possível afirmar de Jane Austen, e talvez de nenhum outro escritor, que as *opiniões* sobre sua obra são quase tão interessantes, e quase tão importantes para se pensar, quanto a obra em si” (2009, p. 188, grifo nosso). A imagem que se tem da autora se torna assim um assunto muito delicado por influenciar diretamente a forma como sua obra é vista ao longo do tempo, pois, como nota Katie Halsey, leitores não partem somente do texto para formar suas impressões: “ninguém lê em um ‘vácuo cultural’,

<sup>2</sup> Tradução nossa: “But the time has come, surely, when there is no need to bring witnesses to prove Jane Austen’s fame. Arrange the great English novelists as one will, it does not seem possible to bring them out in any order where she is not first, or second, or third, whoever her companions may be”. Ensaio republicado pelo Times Literary Supplement, em 18 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.the-tls.co.uk/articles/public/jane-austen-woolf-archives/>>. Acesso em: out. 2018.

e a nossa leitura não pode nunca ser considerada inocente de influências sociais, políticas e econômicas, tanto do presente quanto do passado” (2013, p.9, tradução nossa). É por isso que podemos afirmar que os romances publicados de Jane Austen, apenas seis em número, são muitos na prática, já que a própria autora também não tem uma única imagem fixa.

A origem dessa multiplicidade remonta ao fim do século XIX. Após o período de publicação das suas primeiras edições, que terminou antes de 1820, costuma-se dizer que os leitores de Austen não eram muitos e a autora havia sido relativamente esquecida, algo que foi mudando aos poucos até o início da década de 1870 com o lançamento da biografia *A Memoir of Jane Austen*, escrita por seu sobrinho James Edward Austen-Leigh, e o aparecimento de novas coleções da sua obra completa, como a famosa edição “pavão” ilustrada por Hugh Thomson em 1894<sup>3</sup>. Durante esse intervalo de cinquenta anos, a imagem que circulava sobre Austen era aquela promovida pela pequena biografia *Biographical Notice of the Author*, escrita por seu irmão Henry Austen para a publicação póstuma de *Persuasion* e *Northanger Abbey* em 1818. Nela, Henry fixa um retrato de sua irmã como uma mulher doméstica, religiosa e de hábitos simples, que escrevia com facilidade apenas para diversão dos familiares mais próximos. Como foi sepultada na Catedral de Winchester e não em um pequeno cemitério local, a própria lápide de Jane Austen (cujo epitáfio também foi escrito por Henry) ajudou a divulgar essa imagem inicial:

In Memory of JANE AUSTEN, youngest daughter of the late Revd GEORGE AUSTEN, formerly Rector of Steventon in this County. She departed this Life on the 18th of July 1817, aged 41, after a long illness supported with the patience and the hopes of a Christian. The benevolence of her heart, the sweetness of her temper, and the extraordinary endowments of her mind obtained the regard of all who knew her and the warmest love of her intimate connections. Their grief is in proportion to their affection, they know their loss to be irreparable, but in their deepest affliction they are consoled by a firm though humble hope that her charity, devotion, faith and purity have rendered her soul acceptable in the sight of her REDEEMER (JOHNSON, 2012, p. 26)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Essa edição de *Orgulho e Preconceito*, a primeira totalmente ilustrada, recebeu dos críticos a alcunha de “Peacock Edition” pela capa que traz um grande pavão desenhado junto ao título. Disponível em: <<https://www.jane-austens-house-museum.org.uk/22-pride-and-prejudice-ill>>. Acesso em: out. 2018.

<sup>4</sup> Tradução nossa: “Em memória de JANE AUSTEN, filha mais nova do falecido Reverendo GEORGE AUSTEN, pároco aposentado de Steventon nesse condado. Ela deixou esta vida no dia 18 de julho de 1817, com 41 anos, após uma longa doença suportada com a paciência e a esperança de um cristão. A benevolência de seu coração, a doçura de seu temperamento,

O primeiro ponto que se destaca nessa homenagem de Henry é a ausência de qualquer menção à obra de Austen, citando apenas “the extraordinary endowments of her mind”, que poderia ser interpretado somente como “inteligente” por visitantes desavisados. Ao contrário, o texto esforça-se por fixar a imagem de Jane Austen como uma pessoa devota, pura, caridosa e que suportou com paciência a sua doença, algo que também foi registrado em cartas à família pela sua irmã Cassandra Austen. De que forma podemos interpretar esse epitáfio? Como nota Claudia Johnson (2012, p. 26), simples decoro religioso não pode ser suficiente para explicar por que Henry decidiu omitir aqui o que ele fez questão de alardear em todos os outros lugares, já que ele foi a primeira pessoa a contrariar a vontade de sua irmã e revelar para alguns conhecidos a identidade por trás dos seus romances publicados apenas com um “By a Lady”. Seu texto parece um esforço em assegurar que todos reconheçam as virtudes pessoais de Jane Austen, já que mulheres escritoras ainda não eram vistas com bons olhos nessa época. A rápida menção aos “extraordinários dotes de sua mente” garante que, mesmo de importância significativa, a Jane Austen escritora não era a sua principal característica pessoal e que essa perdia importância em relação a outros aspectos – religiosidade, doçura, benevolência, etc. O epitáfio, assim, não nega o talento de Austen, apenas o enquadra em seu devido lugar.

É muito provável também que Henry tenha sido o responsável por avisar o escritor John Britton de que Jane Austen havia acabado de ser enterrada na catedral enquanto ele estava preparando para publicação o seu guia **History and Antiquities of the Cathedral Church of Winchester**, que foi lançado ainda em 1817. Como observa Claudia Johnson (2012), Henry assegurou, assim, que Austen tornasse-se um ponto turístico no mesmo ano de sua morte (2012, p. 28) – mas talvez nem ele pudesse imaginar que, quase dois séculos depois, milhares de turistas procurariam essa catedral todo ano em busca apenas do túmulo de sua irmã. Além disso, Johnson aponta que a imagem da família de Austen não tinha nada a perder com a sua fama, ainda que mínima, já que era uma família que estava na beira da chamada aristocracia inglesa, com antecedentes nobres, porém de pouco sucesso financeiro. O epitáfio de Henry certifica não só o valor extraordinário de Austen, mas também o fato de que sua família tinha

---

e os extraordinários dotes de sua mente obtiveram o maior carinho de todos aqueles que a conheceram e o mais tenro amor de suas conexões íntimas. O luto deles está em proporção a afeição que sentiam, eles sabem que se trata de uma perda irreparável, mas na sua dor profunda eles se consolam pela esperança firme, ainda que humilde, que a sua caridade, devoção, fé e pureza tornaram a alma dela aceitável frente à visão de seu REDENTOR”.

consciência dele:

Ao anunciar tão rapidamente o monumento de Austen na Catedral de Winchester, [Henry] estava garantindo que o capital cultural dela aumentasse, e o seu próprio de forma conjunta, [...] de forma que o que Jane Austen perde em especificidade em seu caminho à santificação, sua família ganhou em celebridade. A inscrição, em outras palavras, situa ao mesmo tempo Austen em seu círculo familiar e usa Austen para situar a sua família (JOHNSON, 2012, p. 29, tradução nossa).

A pequena biografia de Henry e o epitáfio parecem ter sido suficientes para a família em termos de garantia de uma imagem respeitável e segura para a irmã que ousou escrever e publicar. Mas, sendo assim, o que levou James Edward Austen-Leigh a escrever o seu **Memoir** décadas depois? Críticos apontam que o gradual aumento de leitores de Austen por conta da circulação de edições simples e baratas, junto à divulgação de opiniões negativas famosas como a de Charlotte Brontë<sup>5</sup>, fez com que alguns rumores passassem a circular sobre Austen, coisas banais como que ela não gostava nem de crianças nem de animais. Mas, ainda assim, parece ter sido importante o suficiente para sua sobrinha Caroline Austen escrever ao irmão James Edward (provavelmente em 1869) dizendo que estava muito feliz que ele tinha decidido produzir uma nova biografia para solucionar finalmente essa “questão irritante” ou incômoda com o público.

Contudo, com a morte do Almirante Frank Austen, último irmão de Jane Austen, em 1865 (na idade admirável de 91 anos!), e com o pouco material escrito disponível – a maioria das cartas eram consideradas “perdidas” (ou muito bem escondidas pelo outro lado da família, no condado de Kent) –, James Edward não tinha grandes fontes de informação e foi obrigado a repetir basicamente aquilo que seu tio havia escrito em 1818, preenchendo grandes lacunas com, por exemplo, longas explicações sobre os costumes da época de sua tia, algumas lembranças de suas irmãs e primas que o estavam ajudando e trechos de manuscritos não publicados que foram preservados por Cassandra. A primeira versão foi publicada em 1870 e fez tanto sucesso que uma segunda, aumentada, foi lançada em 1871. Estava pronto o que Kathryn Sutherland (2002, p. xv) chama de “St. Aunt Jane of

---

<sup>5</sup> Cartas reproduzidas após a sua morte na biografia escrita pela amiga e também romancista Elizabeth Gaskell: “Miss Austen sendo, como você diz, sem ‘sentimentos’, sem Poesia, talvez SEJA sensível, real (mais REAL que VERDADEIRA), mas ela não pode ser grandiosa” (GASKELL, 1857, s.p., tradução nossa).

Steventon-cum-Chawton Canoniorum”<sup>6</sup>, um retrato hagiográfico de uma tia idolatrada, a qual é uma pessoa caseira, devota, que não deseja nem fama nem dinheiro e escreve apenas nos intervalos entre as tarefas da casa para passar o tempo em um divertimento inocente, pois é consciente dos limites do que consegue produzir.

James Edward deixa claro imediatamente que essa biografia não vai trazer fatos impactantes. Segundo ele, a vida de Austen fora particularmente “estéril” de eventos (AUSTEN-LEIGH, 2002, p. 9), utilizando uma palavra que carrega a informação de que sua tia nunca teve filhos, ao mesmo tempo em que escolhe ignorar, talvez voluntariamente, a própria publicação dos romances de Austen. Além disso, James Edward aplica uma camada de modéstia e amorosismo para encobrir a carreira literária de sua tia e torná-la uma mulher respeitável dentro dos valores da Inglaterra puritana:

Jane Austen lived in entire seclusion from the literary world: neither by correspondence, nor by personal intercourse was she known to any contemporary authors. (...) so that her powers never could have been sharpened by collision with superior intellects, nor her imagination aided by their casual suggestions. Whatever she produced was a genuine home-made article (AUSTEN-LEIGH, 2002, p. 90, grifo nosso)<sup>7</sup>.

A insistência em um isolamento de Austen do mundo literário de sua época e em um confinamento doméstico voluntário negam o que Sutherland (2005, p. 270) chama de “atos de colaboração”, sejam linguísticos, intelectuais ou culturais, os quais moldam as obras literárias e seus textos desde muito cedo, e essa negação, segundo ela, acabou sendo o aspecto mais importante, durante todo o século XX, na reprodução crítica da obra de Austen como

---

<sup>6</sup> Jane Austen nasceu em Steventon, Hampshire, uma pequena vila do interior da Inglaterra. Morou ali até 1801, quando seu pai decidiu aposentar-se da Igreja e mudar-se para Bath com a esposa e as duas filhas solteiras – Cassandra e Jane Austen nunca se casaram. O pai, George Austen, morreu em 1805, deixando pouco apoio financeiro para as mulheres da família, que foram obrigadas a morar em residências temporárias em diversos locais ou hospedadas por parentes, tendo sua renda complementada com a ajuda dos irmãos. Apenas em 1809, o irmão enobrecido Edward Knight ofereceu para a mãe e irmãs o uso de uma pequena casa na vila de Chawton, também em Hampshire, na qual Austen morou até o ano da sua morte (HONAN, 1987).

<sup>7</sup> Tradução nossa: “Jane Austen viveu totalmente isolada do mundo literário: nem por correspondência, nem por encontros pessoais, ela era conhecida por qualquer autor contemporâneo [...] de forma que seus poderes não poderiam ter sido afiadados pela colisão com intelectos superiores, nem sua imaginação auxiliada por suas sugestões casuais. Qualquer coisa que ela produziu era um artigo genuinamente caseiro”.

um objeto de estudo hermeticamente selado. Ou seja, a tentativa da família de transformar a obra de Austen em apenas um passatempo que deu certo impediu por muito tempo a sua existência como uma escritora atenta para a produção literária que a cercava e que certamente a influenciou. Em outras palavras, essa Jane Austen desenhada pelo seu sobrinho sabia o seu lugar e não via seus livros como algo digno de ser divulgado. Ela também não se envolvia em questões que não entendia como política e guerra e evitava ler qualquer tipo de obra polêmica, abandonando Henry Fielding e favorecendo Samuel Richardson e o moralista Samuel Johnson. Até as suas poucas cartas que James Edward reproduz foram censuradas por ele para mostrar apenas conversas inócuas sobre questões domésticas.

Esse retrato de Austen teve um efeito muito duradouro na crítica literária de suas obras. Não só fixando a autora como a figura da “querida tia Jane” – que se tornou a querida tia de todos os seus fãs –, mas uma forma de ler seus romances a partir dessa imagem. É assim que Austen vai se tornar uma escritora ingênua e inocente e, dessa imagem, foi apenas um passo para ela tornar-se também a mãe dos romances românticos, a precursora da *chick-lit*, a rainha da leitura feminina simples e boba e a grande inspiração para Georgette Heyer e seus romances “regencies” até a atual Julia Quinn. Ao mesmo tempo, a insistência de James Edward de que Austen só escreveu quando morava no campo também vai associar a autora ao mundo rural inglês pré-Revolução Industrial. Mas não é qualquer vida rural – os camponeses pobres não existem. A obra de Austen vai ser vista como o retrato da aristocracia detentora de terra, uma classe à qual os Austens não pertenciam; muito pelo contrário, estavam sempre no limite do respeitável com uma situação financeira complicada. A única exceção é o seu irmão Edward Knight, que fora adotado por outra família para ser o herdeiro de Godmersham Park em Kent. De qualquer forma, portanto, o fim do século XIX testemunhou a reconfiguração de Austen não só na querida tia Jane, mas no símbolo de um passado perdido e, por que não, a própria alma da Inglaterra.

O coroamento dessa transformação de Austen é facilmente perceptível no seu retrato divulgado no **Memoir**, baseado em uma aquarela feita por Cassandra, provavelmente por volta de 1810, e nas imagens produzidas subsequentemente:



Figura 1: Possível retrato de Jane Austen feito por Cassandra Austen, ca. 1810. Lápis e aquarela. National Portrait Gallery, Londres. Fonte: Jasna<sup>8</sup>.



Figura 2: Aquarela de John Andrews baseada no retrato de Cassandra, 1869. Jane Austen Memorial Trust. Fonte: Jasna<sup>9</sup>.

---

8 Disponível em: <<http://www.jasna.org/info/pictures.html>>. Acesso em: out. 2018.

9 Disponível em: <<http://www.jasna.org/info/pictures.html>>. Acesso em: out. 2018.



Figura 3: Gravura/litografia de *Lizars* para *A Memoir of Jane Austen*, 1870.

Fonte: Jasna<sup>10</sup>.



Figura 4: Ilustração para **Portrait Gallery of Eminent Men and Women of Europe and America**, 1873. Fonte: Austen Blog<sup>11</sup>.

---

10 Disponível em: <<http://www.jasna.org/info/pictures.html>>. Acesso em: out. 2018.

11 Disponível em: <[https://austenblog.files.wordpress.com/2010/05/blue\\_wr.jpg](https://austenblog.files.wordpress.com/2010/05/blue_wr.jpg)>. Acesso em: out. 2018.

A primeira imagem (Figura 1) é o desenho inacabado de Cassandra, provavelmente feito no ano de 1810. Somente o rosto está relativamente trabalhado em aquarela, o resto do corpo é apenas um rascunho a lápis. A segunda imagem (Figura 2) é a aquarela “melhorada” de Andrews de 1869, encomendada por James Edward para sua publicação. É possível observar algumas mudanças na postura de Austen – os braços não estão mais cruzados, as costas mais retas, e as feições foram bem suavizadas. Além disso, os trajes foram incrementados – tanto o vestido quanto a touca – ganhando babados e outros detalhes mais femininos. Até a cadeira foi retrabalhada, provavelmente de uma cadeira normal de cozinha para uma de sala de estar.

A Figura 3 mostra a gravura para o **Memoir** feita por Lizars, em 1870, a partir da aquarela de Andrews. Os detalhes das roupas estão mais visíveis e Jane Austen ganhou definitivamente um par de olhos grandes e arredondados, cuja expressão doce é um total contraste com o original de Cassandra, em que Austen parece estar claramente aborrecida por ter que ficar sentada ali para a irmã desenhá-la. O mais interessante é que esta é a imagem mais conhecida e mais utilizada atualmente, apesar de ter muito pouco, ou talvez quase nada, de fidedigno à aparência da autora. Em carta a James Edward, Cassandra Esten, outra sobrinha de Austen, afirma: “it is a very pleasing, sweet face, -tho’, I confess, not thinking it much like the original; - but that, the public will not be able to detect”<sup>12</sup> (JOHNSON, 2012, p. 37). A última figura, número 4, é uma gravura de 1873 produzida para ilustrar Austen no livro **Portrait Gallery of Eminent Men and Women of Europe and America**, de Evert A. Duyckinck. O artista redesenha o resto do corpo de Austen, melhora o cenário de fundo – definitivamente a sala de estar – e coloca um livro em sua mão. Mas o detalhe mais importante é a aliança de casamento na mão esquerda. Como observa Claudia Johnson, o artista com certeza não tinha a mínima ideia de quem era Jane Austen, apenas trabalhou com a gravura de 1870 e com as informações “mulher” e “escritora” (JOHNSON, 2012, p. 44). Obviamente a junção dessas duas palavras significava, então, que ela deveria ser casada.

O resultado combinado, no último quarto do século XIX, da circulação do **Memoir**, das edições ricamente ilustradas de Hugh Thomson e, também, da publicação de algumas das cartas de Austen em 1884 (de maneira censurada pelo seu sobrinho-neto Lord Brabourne), foi o que chamamos hoje da primeira onda de Austenmania e o surgimento dos fãs chamados de “Janeites”. Segundo Claudia Johnson (2012), esse grupo era

12 Tradução nossa: “É um rosto muito agradável e doce, mas eu confesso não o achar muito parecido com o original – mas isso o público nunca vai poder detectar”.

composto de editores, professores, escritores e críticos, geralmente homens, que se consideravam “iluminados” ou exclusivos pelo seu entendimento único de Austen. Nas palavras do professor Montague Summers em 1917, “hoje o mundo está dividido entre os eleitos e os profanos – aqueles que admiram Jane Austen e aqueles que (até tremo ao falar) não” (JOHNSON, 2012, p. 9, tradução nossa).

Os Janeites lidavam com essa admiração quase como uma religião – ou você está dentro, como um crente, ou fora dela; não há meio termo – solidificando ainda mais a imagem da Santa Jane: antes de Summers, o professor da Universidade de Edimburgo George Saintsbury declarou, em 1913, ser “um cavaleiro da ordem de Santa Jane” (HARMAN, 2009, p. 129). Como em toda boa religião, a fé em Jane Austen também despertou romarias. Em 1902 Constance Hill publicou **Jane Austen: Her Homes and Her Friends**, um guia bem detalhado e ilustrado por sua irmã de todos os lugares na Inglaterra que poderiam ser associados à autora. Não importava, por exemplo, que a casa onde Jane Austen nascera em Steventon já havia sido demolida e a única coisa que sobrara da construção era uma bomba d’água – essa merecia, obviamente, ser registrada em um desenho para o guia.



Figura 5: Ilustração do local onde ficava a casa em que Jane Austen nasceu. Desenho de Ellen Hill para o livro de Constance Hill **Jane Austen: Her Homes and Her Friends** (1902), com os dizeres “The site of the old parsonage, Steventon”. Fonte: JOHNSON, 2012, p. 72.

Pode até parecer cômica a ideia de uma bomba d'água servir como atração para os Janeites de antigamente, porém os fãs atuais, em sua devoção e entusiasmo, não são muito diferentes. Basta citar a comoção recente em torno do caso da cantora norte-americana Kelly Clarkson, que comprou o único anel de Jane Austen que sobreviveu até hoje em um leilão e queria levá-lo embora para os Estados Unidos. Imediatamente o governo britânico emitiu uma proibição de que a nova proprietária retirasse o anel do solo inglês por conta de sua importância simbólica para o país. Ao mesmo tempo, o Jane Austen House Museum iniciou uma campanha pública para levantar fundos para que o lance de Clarkson pudesse ser reembolsado (cerca de 250 mil dólares), o que foi rapidamente obtido via doações e o anel passou, então, a ser propriedade do museu, onde hoje está em exibição<sup>13</sup> não muito longe da bomba d'água. E nós também fazemos nossos “Jane Austen tours” como Constance Hill, agora organizados por agências de turismo, com a vantagem de podermos visitar também os cenários e locações das adaptações de seus romances. Se podemos rir de pessoas que viajavam até Steventon para ver uma bomba d'água, o que dizer daqueles que querem ver o lago onde o Mr. Darcy de Colin Firth mergulhou na famosa série da BBC de 1995?

Voltando ao século XIX, a adoração Janeite gerou fortes reações. Em primeiro lugar, podemos citar o ódio de Mark Twain, que via em Austen apenas aquele saudosismo inglês e não conseguia nunca terminar de ler *Orgulho e Preconceito*. Em carta a um amigo, Twain afirmou que toda vez que tentava, tinha vontade de desenterrar Austen para dar uma pancada em sua caveira usando o osso de sua canela<sup>14</sup>. Temos também o desabafo de Henry James que, em 1902, estava muito incomodado com a transformação de Austen em uma mercadoria, criticando os editores, os ilustradores e outros membros desse mercado que usavam a “sua querida”, a “nossa querida”, a Jane “querida de todo mundo” para seus objetivos materiais<sup>15</sup>. Henry James estava desdenhando, como muitos outros críticos depois dele, da relação de

---

13 Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2013/sep/23/kelly-clarkson-gives-up-jane-austen-ring>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

14 “I haven't any right to criticise books, and I don't do it except when I hate them. I often want to criticise Jane Austen, but her books madden me so that I can't conceal my frenzy from the reader; and therefore I have to stop every time I begin. Every time I read *Pride and Prejudice*, I want to dig her up and hit her over the skull with her own shin-bone”. Carta de 13 de setembro de 1898 a Joseph Twichell (LITTLEWOOD, 1998, v. 1, p. 435).

15 “[...] the body of publishers, editors, illustrators, producers of the pleasant twaddle of magazines; who have found their 'dear', our dear, everybody's dear Jane so infinitely to their material purpose [...]” (SUTHERLAND, 2005, p. 11).

adoração que muitas pessoas tinham com a autora naquela época ou, em outras palavras, James tentava diminuir a forma “Janeite” de ler.

Uma outra reação muito forte veio da própria academia, em que professores não-janeites passaram a enxergar nessa adoração uma forma de corrupção. O nome mais emblemático desse processo é de Robert William Chapman, um intelectual de Oxford, o qual também trabalhava para a editora dessa universidade, que decidiu preparar novas edições das obras de Austen aplicando para seus textos os mesmos rigores filológicos acadêmicos utilizados nos estudos de textos gregos e latinos antigos. Seu objetivo era “resgatar os originais” da década de 1810 e eliminar toda a confusão criada pelas subsequentes edições baratas e resumidas. As novas edições da Clarendon Press foram publicadas em 1923 e tiveram resultados muito importantes: primeiro, consolidaram Austen como uma autora “clássica”, significando aqui “canône”, no momento em que essa ideia de cânone está sendo inventada; segundo, inauguraram uma nova fase nos estudos sobre a autora como uma questão séria, que necessita de método e não mais do amor incondicional dos Janeites (JOHNSON, 2012, p. 114); terceiro, que, ao aplicar para romances – e, mais importante, romances escritos por uma mulher – o mesmo rigor acadêmico dos estudos clássicos, Chapman foi responsável também por uma mudança na imagem do próprio gênero, de simples livros de entretenimento para alta arte (JOHNSON, 2012, p. 117). É bem provável que as edições de Chapman incentivaram as novas gerações de estudos críticos de Austen que, ao longo do século XX, iam afastar-se cada vez mais da imagem da Santa Jane.

Isso não significa, obviamente, que os Janeites e a sua adoração desapareceram. Temos o exemplo do conto de Rudyard Kipling, *The Janeites*, que conta a história de uma sociedade secreta/“clube do livro” em meio a Primeira Guerra Mundial com soldados se distraindo dos bombardeios lendo sobre Miss Bates, Lady Catherine ou General Tilney. Mas o mais interessante é o poema que Kipling escreveu quando seu conto foi publicado em 1926, do qual reproduzo as duas primeiras estrofes:

Jane went to Paradise:  
That was only fair.  
Good Sir Walter followed her,  
And armed her up the stair.  
Henry and Tobias,  
And Miguel of Spain,

Stood with Shakespeare at the top  
To welcome Jane -

Then the Three Archangels  
Offered out of hand  
Anything in Heaven's gift  
That she might command.  
Azrael's eyes upon her,  
Raphael's wings above,  
Michael's sword against her heart,  
Jane said: "Love." (KIPLING, 1926, s.p.).

Nele é relatado como Jane Austen morreu e foi para o céu, obviamente – era uma santa – e foi recebida por vários escritores importantes como Shakespeare, Cervantes e até Walter Scott (um cânone celestial que não continha nenhuma outra mulher). Os arcanjos então decidem realizar um pedido de Austen, qualquer coisa que desejasse, e ela pede amor! Observa-se aqui uma ressonância clara da ideia de que a vida de Austen foi incompleta porque ela nunca se casou, algo que se tornou base para a especulação de que os finais felizes dos seus romances seriam a realização de uma frustração, e para o início da obsessão com a vida amorosa da autora que perdura até hoje na busca incessante por um homem que tenha sido a inspiração para os seus heróis, em especial Mr. Darcy<sup>16</sup>. É esse o pano de fundo para filmes biográficos sobre Austen, como *Becoming Jane* (2007), que explora um breve (e duvidoso) caso amoroso em sua juventude com Tom Lefroy como a inspiração de **Orgulho e Preconceito**, e também *Miss Austen Regrets* (2008) – quais arrependimentos teria Austen perto de sua morte?

---

16 Sobre o impacto dessa ideia na produção atual de fan fiction (BIAJOLI, 2017).



Figura 6: Cartaz do Filme Becoming Jane diz “Their Love Story was her Greatest Inspiration”.

Fonte: The Moviedb<sup>17</sup>.

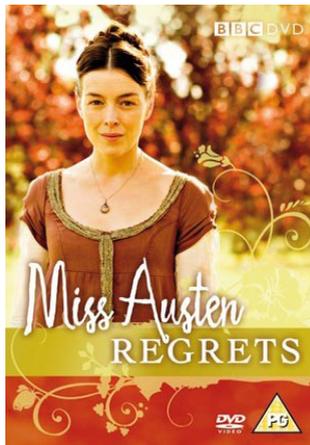


Figura 7: Cartaz do filme Miss Austen Regrets (2008) – uma Jane Austen mais velha repensa suas escolhas.

Fonte: The Moviedb<sup>18</sup>.

---

17 Disponível em: <[https://www.themoviedb.org/movie/2977-becoming-jane/images/posters?image\\_language=en](https://www.themoviedb.org/movie/2977-becoming-jane/images/posters?image_language=en)>. Acesso em: out. 2018.

18 Disponível em: <<https://www.themoviedb.org/search/movie?query=Miss%20Austen%20Regrets>>. Acesso em: out. 2018.

Ainda que a popularidade de Austen segundo os termos de Kipling tenha continuado de maneira consistente ao longo do século XX, é nesse século que vemos sua obra sendo explorada de maneira mais contundente por críticos famosos, como F. R. Leavis e Ian Watt, como a grande inventora do gênero do romance moderno, ou por D. W. Harding em seu afiado ensaio *Regulated Hatred: An Aspect of the Work of Jane Austen* (1940), que defendia uma Jane Austen irônica que possuía uma relação com sua sociedade totalmente oposta da tradicionalmente atribuída a ela. Sem preâmbulos, Harding afirmava que os seus livros “are, as she meant them to be, read and enjoyed by precisely the sort of people whom she disliked”<sup>19</sup> (1940, p. 347). Ao invés de símbolo da aristocracia inglesa, Harding estava defendendo o lado sarcástico e crítico de seus romances, enquanto criticava a adoração cega dos Janeites porque eles não eram capazes de perceber o tom irônico de Austen. Segundo Harman, ao invés de encontrar tranquilidade e requinte nos livros, Harding enxergou neles e nas cartas uma restrição incômoda que altera a leitura dos romances, concluindo então que a impressão popular da escritora era totalmente falsa (HARMAN, 2009, p. 184). Harding inaugura uma nova forma de ver a obra de Austen e, por consequência, a própria autora, argumentando que, por trás daquela pintura tranquila e rural, ela havia deixado expostas as feridas de sua sociedade, principalmente através de um uso magistral da ironia. Nas décadas seguintes, novas abordagens iriam conectar-se com essa posição, abandonando de vez a imagem da querida tia Jane apolítica. Por exemplo, o movimento feminista, especialmente na década de 1970, passou a enxergar a relação de Austen com a sociedade patriarcal como algo evidente em seus romances – de que lado ela estava era difícil determinar, mas neutralidade com certeza não era uma opção. Enquanto para uns, segundo Janet Todd (2015), Austen escrevia livros aparentemente conservadores para esconder dentro deles a sua duplicidade em relação a essa questão, quase como uma feminista radical que ri por trás de sua máscara, outros a acusavam de ser cúmplice do patriarcado por ter defendido o relacionamento heterossexual como superior à amizade feminina, por exemplo.

Na década de 1990, Jane Austen foi absorvida também pelos estudos pós-colonialistas depois que Edward Said, em **Cultura e Imperialismo** (1993), analisou o papel da escravidão e das colônias inglesas em Mansfield Park na sobrevivência da aristocracia. Como mostra Claire Harman (2009), o silêncio entre as personagens principais após a pergunta de Fanny Price

---

19 Tradução nossa “[...] são, como ela quis que eles fossem, lidos e aproveitados precisamente pelo tipo de pessoa de quem ela não gostava”.

sobre os escravos de Sir Thomas Bertram transformou-se no ponto-chave de interpretação do romance, e o fato de que esse ponto era, até relativo pouco tempo atrás, a peça de teatro *Lovers' Vows* valorizada por R. W. Chapman, indica, em suas palavras, “o quão flexível Austen pode ser nas mãos de seus estudiosos” (HARMAN, 2009, p. 191, tradução nossa). Mais recentemente, como enumera Janet Todd, as obras de Austen vêm sendo estudadas a partir de temas variados, como o Iluminismo inglês, o Romantismo, as traduções e recepção na Europa, religião, alimentação, educação, teatro, adaptações para o cinema, etc. (TODD, 2015, p. 37). De qualquer forma, e parodiando a autora, hoje é uma verdade universalmente reconhecida (por universo entenda-se a academia) que, se existe um tema que possui alguma conexão com Austen, ele deve ter a necessidade de ser estudado.

Na década de 1990, portanto, Austen nunca esteve tão longe da imagem da Santa Jane, porém foi nesse momento que Hollywood (re) descobriu o potencial de bilheteria dos seus romances e nada menos que sete adaptações entre filmes e seriados foram lançadas em menos de seis anos. Uma quantidade de adaptações tão grande em tão pouco tempo teve um efeito imediato de impulso à popularidade de Austen e de redescoberta pelas novas gerações. É importante notar que a Austenmania atual, ao contrário dos Janeites do século XIX, parece ter se descolado em parte das obras, sendo alimentada basicamente pela sua apropriação na TV e cinema. Tornou-se, assim, uma cultura visual e não mais das letras, e o acesso a Austen é mediado pela imagem. Um exemplo interessante é a pesquisa publicada por Juliette Wells com visitantes do Jane Austen House Museum. À pergunta “O que Jane Austen significa para você?”, uma jovem respondeu dizendo “Eu amo a sua obra; apesar de nunca ter lido seus romances, as dramatizações são fantásticas” (WELLS, 2011, p. 1, tradução nossa). Para a entrevistada, não é nem um pouco estranho afirmar que admira o trabalho de Austen mesmo sem nunca ter lido nada da autora. Os seriados e filmes são vistos como representações objetivas e diretas dos romances e isso basta. Apesar de esse caso muito provavelmente ser uma exceção, é também emblemático da impossibilidade atual de ler um romance de Austen sem ser antes bombardeado pelas imagens divulgadas nas adaptações.

Por isso é importante destacar que essas adaptações preferiram, de modo geral, focar no relacionamento amoroso das heroínas e na lapidação dos heróis, apagando seus defeitos e reconstruindo-os quase como príncipes encantados da Disney, como bem notam Linda Troost e Sayre Greenfield (2001). Como consequência, Austen passou a ser vista como a criadora de homens perfeitos – como a criadora de Mr. Darcy. Os romances foram

reinterpretados como tendo por objetivo único e final o casamento e qualquer crítica de Austen àquela sociedade que media o valor das pessoas e dos seus relacionamentos em termos de dinheiro e posse de terras foi colocada em segundo plano (BROWNSTEIN, 2011, p. 7). A década de 1990 pode ser vista, então, como a primeira em que a imagem da Santa Jane perde muita força, sendo substituída basicamente pela idolatria a uma única personagem: Mr. Darcy.

A perda da aura da Santa Jane pode também explicar a sua popularidade entre o público feminino porque possibilitou a identificação das mulheres com a *autora*. Juliette Wells indica que, em seu estudo, 75% dos entrevistados eram mulheres e muitas delas (mas nenhum homem) afirmaram que Jane Austen era uma fonte de inspiração *pessoal*, como uma jovem norte-americana que afirmou que “Jane Austen representa a mulher ideal, incomum na sua época porque ela não se sentia obrigada a se conformar aos deveres de uma mulher” (WELLS, 2011, p. 1, tradução nossa). Obviamente, a Jane Austen que essas mulheres admiram hoje não tem nada em comum com aquela representada pelo **Memoir**. Agora ela é vista como uma mulher moderna, que recusou o papel tradicional feminino de sua época tanto por se tornar escritora como por não se casar, o que geralmente a aproxima, para muitos fãs atuais, da personagem de Elizabeth Bennet.

Atualmente, portanto, podemos observar uma oscilação dentro da imagem popular de Austen. De um lado, a mulher independente, que não se casou para poder escrever. Do outro lado, a autora das histórias mais românticas de todos os tempos, que valoriza o final feliz representado pelo casamento “perfeito” de suas heroínas. Curiosamente, muitos não vão perceber como essas duas imagens podem ser conflitantes, exemplificado pela interpretação autobiográfica de **Orgulho e Preconceito**: Austen é Elizabeth, mulher independente; mas Austen também quer seu Darcy. Quando incluímos o debate acadêmico nesse conflito de imagens, a verdade é que é impossível explicar Austen de forma definitiva.

Quando o governo da Inglaterra tomou para si a tarefa de definir uma Jane Austen para compor a nova nota de dez libras que entrou em circulação em 2017, o resultado não poderia ser mais ilustrativo dessa dificuldade:



Figura 8: Projeto da nova nota de dez libras anunciado pelo governo inglês.

Fonte: Bank of England<sup>20</sup>.

A imagem principal, o rosto de Jane Austen, vem do retrato do **Memoir**, que nenhum sobrinho na época considerou muito semelhante a ela. Talvez o retrato original de Cassandra tenha sido considerado pouco simpático para representar uma heroína nacional. No fundo, ao centro, a ilustração de 1976 de Elizabeth Bennet pela artista Isabel Bishop, eternizando a associação entre a autora e personagem, em uma posição que também lembra muito a descrição no **Memoir** de Austen escrevendo discretamente em sua mesinha na sala, cujo padrão hexagonal é reproduzido ao fundo. Abaixo, um desenho de Godmersham Park, a rica propriedade de seu irmão Edward Knight, que simboliza mais a forma como seus romances são lidos hoje do que o estilo de vida econômico da própria Austen. E, abaixo do seu rosto, uma citação de **Orgulho e Preconceito**: “I declare after all there is no enjoyment like reading!”. De tudo o que Austen escreveu, os idealizadores da nota escolheram a fala da personagem superficial e invejosa Caroline Bingley para representar a autora. Na cena em questão, Caroline está tentando chamar a atenção de Darcy, fingindo que lia o segundo volume da obra que ele estava lendo, mas, nas palavras de Austen, como ela “fica rapidamente exausta pelo esforço de se divertir com o livro” (AUSTEN, 2006a, p. 60, tradução nossa), Caroline desiste ao mesmo tempo em que declara seu prazer pela leitura. Para todos aqueles que leram o romance, é óbvio que o significado da fala de Caroline é exatamente o oposto, ela não poderia de forma alguma gostar

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.bankofengland.co.uk/banknotes/polymer-10-pound-note>>. Acesso em: out. 2018.

menos de ler. Será, então, que ninguém no Banco Central Inglês ao menos leu **Orgulho e Preconceito**?

Ainda que saibamos que Austen deveria mesmo ser uma grande leitora<sup>21</sup> e muito provavelmente acreditava de fato que não existia um entretenimento tão bom quanto a leitura, citar uma personagem que expressa uma falsidade, ainda que para a autora tenha sido uma verdade, parece um erro estratégico de interpretação. A não ser que a intenção tenha sido capturar a ironia de Austen, sua marca registrada, o que não parece ser o caso já que a frase, fora de contexto como está apresentada, ressoa muito mais como uma lição moralista e edificante totalmente oposta ao conteúdo crítico da sua obra. O resultado do conjunto da nota acaba então tornando-se cômico: Jane Austen, a autora inglesa mais amada de todos os tempos, vai ser eternizada pela fala de uma de suas personagens mais odiadas. Se há algum espaço na crítica literária para pensar qual seria a reação da autora frente a tudo isso, podemos invocar as últimas palavras que Austen escreveu, três dias antes de morrer, em um poema satírico sobre uma maldição de chuvas em Winchester: “BEHOLD ME IMMORTAL!”<sup>22</sup>.

## Referências

AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice** (ed. Pat Rogers). Cambridge: Cambridge University Press, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Later Manuscripts** (ed. Janet Todd e Linda Bree). Cambridge: Cambridge University Press, 2006b.

AUSTEN-LEIGHT, James Edward. **A memoir of Jane Austen**. And Other Family Recollections. Editado por Kathryn Sutherland. Oxford World's Classics. New York: Oxford University Press, 2002.

BIAJOLI, Maria Clara Pivato. Jane Austen, Heroine: Looking for Love.

21 Em 1798, Austen escreve para sua irmã sobre uma nova biblioteca circulante e afirma que sua família é uma “grande leitora de romances e não tem vergonha disso” (LE FAYE, 2011, p. 27, tradução nossa).

22 Tradução nossa: “Contemple-me imortal!”. Poema tradicionalmente chamado de When Winchester Races, escrito em 15 de julho de 1817 (AUSTEN, 2006b, p. 255).

**Persuasions**, v. 38, n. 1, s.p., 2017. Disponível em: <<http://www.jasna.org/publications/persuasions-online/vol38no1/biajoli/>>. Acesso em: out. 2018.

BROWNSTEIN, Rachel M. **Why Jane Austen?** New York: Columbia University Press, 2011.

GASKELL, Elizabeth. **The Life of Charlotte Brontë**. v. 2. 1857. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/1700/pg1700-images.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

HALSEY, Katie. **Jane Austen and her Readers, 1786-1945**. London: Anthem Press, 2013.

HARDING, D. W. Regulated Hatred. **Scrutiny**, p. 346-362, Mar. 1940. Disponível em: <<http://www.unz.org/Pub/Scrutiny-1940mar-00346>>. Acessado em: 10 fev. 2017.

HARMAN, Claire. **Jane's Fame: How Jane Austen Conquered the World**. New York: Henry Holt, 2009.

HONAN, Park. **Jane Austen and her Life**. London: Weidenfeld and Nicolson, 1987.

JOHNSON, Claudia L. **Jane Austen's Cults and Cultures**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

KIPLING, Rudyard. The Janeites. **Debits and Credits**, 1926. Disponível em: <<http://www.telelib.com/authors/K/KiplingRudyard/prose/DebtsandCredits/janeites.html>>. Acesso em: out. 2018.

LE FAYE, Deirdre (Ed.). **Jane Austen's Letters**. London: Oxford University Press, 2011.

LITTLEWOOD, Ian (Ed.). **Jane Austen: Critical Assessments**. v. 1.

Sussex: Helm Information, 1998.

SUTHERLAND, Kathryn. **Jane Austen's Textual Lives: From Aeschylus to Bollywood.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

SUTHERLAND, Kathryn (Ed.). Introduction. In: AUSTEN-LEIGHT, James Edward. **A memoir of Jane Austen.** And Other Family Recollections. New York: Oxford University Press, 2002. Kindle Edition, p. xiii-lxviii.

TODD, Janet. **The Cambridge Introduction to Jane Austen.** Second Edition. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.

TRILLING, Lionel. Emma and the Legend of Jane Austen. In: CARSON, Susannah (Ed.). **A Truth Universally Acknowledged.** 33 Reasons Why We Can't Stop Reading Jane Austen. Inglaterra: Penguin, 2009. p. 188-199.

TROOST, Linda; GREENFIELD, Sayre (Eds.). **Jane Austen in Hollywood.** USA: The University Press of Kentucky, 2001.

WELLS, Juliette. **Everybody's Jane.** Austen in the Popular Imagination. New York: Continuum, 2011.

Recebido: 31/03/2018

Aceito: 16/09/2018

DOI - <http://dx.doi.org/10.5902/2179219431950>